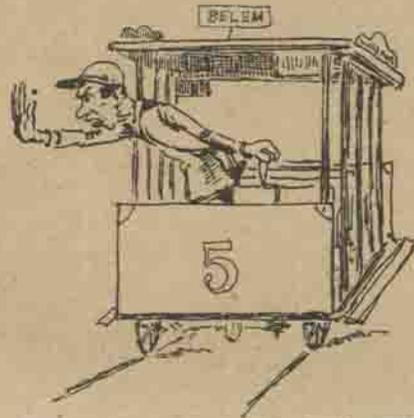


AMERICANOS E RIPERTS



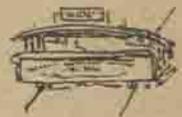
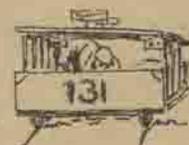
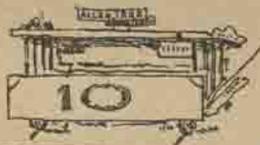
-De qualquer ponto da cidade, até Belem, um tostão.

-Eh! Eh! Os novos carros Ripert, já o publico sabe, além de mais ligeiros, offerecem passagem mais barata do que os americanos. Sessenta réis por passageiro!



-De qualquer ponto da cidade a Belem, quatro vintena!

-Continuamos a usufruir os favores do publico. Mais barato e mais depressa. Os Riperts, graças a Deus, não se abaixam!



-De qualquer ponto da cidade a Belem, sessenta réis!

-Oh, elle é isso? Conductor, diga que a carreira dos Riperts so custa um pataco.

-Trinta réis! -Um vintem. -Cinco réis. -Mais baixo ainda.



(Zé povinho tão baixo os apanhou, que confundindo-os c'os rails, decide-se alfin a marchar-lhes por cima.) Mas elle bem sabe, que em o americano vendo morto de fome o seu rival, ha-de ir subindo outra vez, subindo, até á tabella das tipoias de praça.

V. B. B. B.

Por ahí...



O primeiro capítulo d'esta chronica não deve interessar as leitoras. interessa apenas as leiteiras.

O caso, que veio referido no *Seculo*, passou-se ás portas de Arroyos—se a nossa memoria não nos faz o mesmo que a ingrata Violante já nos fez: atraiçoar-nos.

E o caso é simples, na apparencia, apesar de tenebroso lá por dentro.

Uma leiteira que vinha á cidade vender o producto da sua industria, que é como quem diz o producto da sua vacca, chegada ás portas de Arroyos apresentou o producto ao exame da fiscalisação.

A fiscalisação, representada na pessoa d'um salvajola sem escrupulos na alma nem agua da companhia no corpo, aproximou-se da leiteira para lhe examinar o leite, com o instrumento em movimento, como manda o regulamento.

Mas a leiteira ao dar com os olhos no estado sebento do instrumento deu um grito de desalento e desmaiou dando com o corpo no pavimento!



Felizmente para ella, ao desmaiar não encontrou no caminho aquella *chaise-longue* em que se falla n'um dos livros de Eça de Queiroz; quando não, estava arranjadinha da sua vida...

E o salvajola da fiscalisação, de instrumento engatilhado, insistia em desfechar sobre o ganha pão da desventurada leiteira, mettendo-lhe o instrumento ferugento no interior da bilha que ella ensarilha.

—Passa fóra com semelhante porcaria! protestava a ameaçada rapariga; o instrumento n'esse estado de enxovalho é que você não mette na rica bilha da minha alma e do meu leite!

—Isso é que metto por uma força! teimava o homem do instrumento sujo.

Estava a questão em metto não mette, quando os echos das cercanias de Arroyos foram acordados pelo estampido da mais alentada bofetada que mãos de leiteira escrupulosa tem assentado em bochechas de funcionario de instrumento mal cheiroso.

D'ahi, a leiteira para os ferros de el-rei, em vez de ir para a galeria das Lucrecias meticulosas, e o guarda fiscal mettido no rol dos martyres, em lugar de o metterem n'um semicupio com o seu instrumento das fiscalisações e tudo!



Como viram, se é que viram, a primeira parte d'esta chronica é leitura que não interessa á gentil leitora senão á boçal leiteira.

Em compensação, a segunda, que nada importa ás leiteiras, deve necessariamente importar deveras ás leitoras.

E—oh! notavel coincidência!—ambas as referidas partes, vocabulariamente consideradas, tem o seu fundamento no mesmo ponto!

A primeira, a da leiteira, tratado caso de Arroyos. A segunda, a da leitora, baseia-se no discurso do Arroyo.

O discurso do Arroyo, sob o ponto de vista politico, teve á costumada apreciação de todos os discursos de todos os politicos. Os partidarios acharam-n'o superlativo; os adversarios classificaram-n'o de supervacaneo.

Na *Gazeta de Portugal*, que é obra do chefe, teve o discurso as honras de chefe d'obra. Na opinião das fotos do governo, o discurso só merece que se diga ao auctor que se governe.



O que, porém, é incontestavel, é que o discurso do Arroyo, agradando a gregos ao passo que desagradava a troyannos, teve entretanto a felicidade de agradar por igual a gregas e a troyannas!

A galeria das senhoras encheu-se litteralmente de cabo a rabo e todas de rabo a cabo levaram o discurso do Arroyo, enlevando-se por mais na prosa em que lhes fallou este Arroyo do Serpa, de que na poesia do arroyo que serpeia e em que costuma fallar-lhes o Florencio Ferreira.

E diga-se, em abono da verdade, como foi justificada aquella preferencia do bello sexo.

O arroyo que serpeia pelos campos, tem, isso é verdade, o dom de fallar poeticamente aos corações das jovens apaixonadas, mas o que é certo é que não passa d'ahi—dos corações. Ao passo que o Arroyo que serpeia na camara teve sobre aquell'outro a vantagem de fallar aos pés das referidas jovens—por isso que lhes estava fallando por baixo;—e não só lhes fallou aos pés, como tambem ao coração, e ao espirito, e aos sentidos, e a tudo o mais que não vem agora para o caso estampar aqui em lettra redonda...



A descripção minuciosa que Arroyo fez da maneira como Barros Gomes se saracoteia deliciando-se a si proprio com os recursos linguisticos de si proprio, fez não só passar como que um fremito electrico pelo corpo de todas as senhoras que se achavam nas galerias, como ainda por cima mereceu o applauso do illustre

sr. marquez de Vallada, o qual, assistindo á sessão, não teve mão em si que não abanasse tres vezes a cabeça assim á laia de quem queria dizer por mimica!

— Isso sim senhor! Isso é que é uma descripçãozinha que até faz crescer agua na bocca a quem está de fóra, obrigado á boa vida.

E, effectivamente, a agua crescia por tal fórma na bocca de s. ex.^a, que os pobres tachygraphos que garantavam por baixo do sr. marquez, se viram obrigados a abrir os chapéus de chuva, sob pena de acabarem a sessão enopadinhos até aos tutanos!

Vê-se pois que o discurso do Arroyo até fez trasbordar o applauso do sr. marquez, que é, como todos sabem, um oceano de retrahimento!

Um Arroyo a fazer trasbordar o oceano!

Consta-nos á ultima hora que a muitas das senhoras que assistiram ao discurso incendiario do Arroyo acaba de pegar fogo na carqueja dos respectivos corações — por combustão expontaneã — tornando-se de todo impossivel dominar o pavoroso incendio e sendo já incalculavel o numero de victimas a lastimar em tão horroroso sinistro!

Consta-nos mais que por iniciativa de pessoa muito illustre, se trata de fundar uma *Caixa de socorros para as victimas do Arroyo*.

— Bemdita a caridade sem egual que emana...

Etc. e tal...

Por J. J. J.

Modas



O nosso jornal rende hoje preito á caprichosa deusa da moda — assim diria a costureira que firma as chronicas da *toilette* para o *Illustrado*.

Como a primavera d'este anno, admiradora fervente das sessões do conselho de hygiene, desencadeia do ceu, a proposito de nada, cata-tatas de chuva, para lavagem da nossa immunda capital, e é necessario preparar a leitora a resistir a estas bruscas inundações, aqui lhe deixamos um modelo de *toilette* primaveral, todo em varetas, e destinado a desviar a freguezia da Emilia d'Abreu, para os sombreireiros da rua Nova do Almada.

Toilette automatico, que abre e fecha com auxilio de tres molas — uma que reside na lingua e serve para abrir e fechar o chapéo — outra que reside no umbigo e serve para abrir e fechar o corpete — a terceira, finalmente, que enfuna as saias, e tem quartel general no... *ho-ny soit qu'il mal y pense.*

De raspão...

O CONSELHEIRO VIALLE

Com a morte do conselheiro Vialle acaba entre nós uma variedade d'eruditos de luxo, que durante muito tempo foi moda, e a quem as Academias deveram, como albergarias de sciencia e litteratura, uma parte da sua somnolenta e inexpugnável reputação.

O conselheiro Vialle tivera a fortuna d'ensinar grego a D. Pedro v, que lhe pagou a nenhuma attenção prestada a este formoso idioma, facultando-lhe o accesso a uma das cadeiras do curso superior de lettras, e embrulhando-lhe a figura n'uma opa de conselheiro, a cujas pregas o nobre hellenista buscou sempre dar nobreza classica e de todo o ponto coherente com a admiração que Homero e outros figurões antigos lhe inspiravam.

Durante os seus 82 annos de vida, o conselheiro Vialle teve apenas em mira duas coisas — não dizer nem escrever uma palavra que não fosse filha legitima do grego e do latim, e não se arriscar em acto algum da vida d'onde se não podesse sahir lampeiramente, citando aphorismos e versos dos seus philosophos e poetas favoritos. Esta monomania mansa do antigo, que immobilisára a intelligencia do conselheiro, se alguma teve, n'uma absoluta intransigencia com o espirito moderno, cercceou ainda mais, se é possivel, o campo das suas vistas criticas, preparando no poeta falhado, o grammatico secco e o purista feroz, que cahiam em syncope de cada vez que lhe vinham contar que um academico cometera um gallicismo. A sua biographia faz para assim dizer uma carcaça-typo, que póde servir d'esqueleto ao elogio da obra de muitos escriptores e eruditos portuguezes, hoje mortos, desde o abbade Castro até ao sr. Silva Tullio — e de caminho servirá talvez d'incentivo á facundia d'outros tantos poetas e investigadores contemporaneos, velhos e novos, cujos livros sem alma continuam a tradição da *Academia dos Escolhidos da Côte*, o cujo ideal se castra na cubiça d'abiscoitar o conto de reis de S. M., embora a troco d'uma certidão de folha corrida d'impotencia.

Em 1819 o conselheiro Vialle dera á estampa um poema chamado *David triomphante*, e veio por ahí fóra a traduzir para vernaculo Homero e Dante, a verter em latim o poema dos *Luçiadadas*, e a fazer elegias em grego — diz o *Diario de Noticias* — que de grande inspiração, e muito clogiadas pelos entendidos.

Chega a ser admiravel esta isempção d'um homem pelas coisas vivas, que assim poude ter os olhos fixos em Athenas, annos e annos, d'um canapé de palhinha da rua da Procissão, e reviver e palpitar nas façanhas de Leonidas e na belleza de Phrynea, ao som da irrespeitosa caçarolla que lhe frigia o savei na cosinha! Ah, é passmoso! Como este estudioso envelhece a fossar nas epopeas gregas, e tenta galvanisar as linguas mortas, com ellas fazendo, já não digo sandwiches, mas acrosticos de parabem aos anniversarios natalicios das suas relações!

O conselheiro Vialle viveu, comeu, soffreu e morreu d'isto. O grego era a sua lesão: o latim a sua crrhose: os versos de Camões a sua coqueluche. Estes ultimos tinha elle sempre ao alcance, para os seus extasis mono-


**Os trabalhos de Hercules-
maioria**

Discurso do sr. Marcellino Arroyo



M. Gustavo Bordallo Pinheiro. -IMIT-

..... Hercules-majoria, repousado das ultimas recentes luctas que tivera, preparava-se a emborcar uma caneca de vinho de Chifre, quando a voz de Marcellino, o ferocissimo enviado d'Arysteo-oposição, lhe dobrou aos ouvidos, increpando-o pelas suas passadas e presentes abominações e tropelias. E o terror do anafado heroe subiu de ponto, quando Marcellino lhe annunciou que um javali (o partido novo) dizimava os partidos feitos, espargindo nas populações d'Erymanto (Castello Branco, Fundão e Carnaxide) o assombro e a insurreição. E Hercules-majoria reparou sobretudo no flavor que as palavras de Marcellino deitavam a... documento humano!.....

O NOVO PARTIDO



Gustavo Bordallo Pinheiro

E' uma *mayonnaise* dos restos, bem antigos alguns, que tem ficado das sardapalicas conhecidas vulgarmente pelo nome de partidos politicos. Nella figuram folhas d'alface de velhas saladas progressistas e regeneradoras, azcites velhos de Castello Brauco, batatas do Fundão, e entre bocados d'ovo cozido, contemporaneos da mocidade dos srs. condes d'Alto, Coelho de Carvaiho e Mello Gouveia, uma salganhada de peixes e carnes — qual d'ellas a mais cançada, como se diz na *Vida do marujo*.

O novo partido é pois, como se vê, tudo quanto ha de mais velho no carnaval da politica portugueza. Como partido não chega mesmo a fazer um todo inteiro. Como novidade, é o albergue nocturno dos que em politica poucas vezes tem tido domicilio. A maioria dos membros do partido novo está tão velha, que a vergonhea mais joven, o sr. Mello Gouveia, vai completar em breve sessenta e quatro primaveras.

O engajamento pois d'estes vencidos da vida n'um grupo, nem é um partido, nem como deserção d'outros grupos, chega a poder considerar-se *uma partida*.

O asylo dos velhinhos de S. Patricio, a dar-se ares de *crèche* Maria Pia, e tendo por campo d'operações a *Epocha* — que d'ora ávante passará a chamar-se a *Esplanada dos Invalidos*.

logados de solitário, e para matar as teimas a competidores, ou ir reanimando, ás horas opacas, uma ou outra intercadencia de memoria. Ultimamente já os *Lusiadas* lhe sahiam de toda a parte: do nariz, dos sabugos das unhas, da camisola, do solideo e das costuras da sobrecasaca. Cercavam-no por toda a parte onde elle estivesse; iam para toda a parte aonde elle fosse; e espadanavam, em repuxos d'estancias, d'onde quer que elle tocasse com os dedos.

X

Ao passo que a *Illiada* e as *Georgicas* lhe serviam para os *entretiens* com os immortaes da rua do Arco, ou para deslumbramento d'algum discipulo mais entusiasta do curso, os *Lusiadas* davam-lhe para assim dizer a erudição mais comecinha, a erudição de trazer por casa, o *bric-à-brac* de rimas e conceitos com que fallar á creada, e com que ser agravavel ás pessoas da familia e da visinhança. Oh, lá isso, Vialle aproveitava o poema, como nem o nosso Brito Aranha ainda foi capaz!

Subia por exemplo o guarda-portão com uma mensagem, e velho que era (Vialle secretamente odiava-o, por lhe ter ouvido dizer, n'uma ladainha de subscrição que houvera no predio, *Turris e Burris*) ao chegar ao terceiro andar, vinha deitando os hofes pela bocca. E o erudito com ar mordente, os oculos para a testa:

«—Olá Velloso amigo, aquelle cutieiro
E' melhor de descer que de subir...»

Se o cosinheiro lhe apparecia, vamos, de barrete branco, ao fim do mez, lá vinha o verso:

«... Na sua cabeça tinha posta,
Uma miú grande casca de lagosta!»

e ao metter os pés na banheira, domingos e quintas:

«... aqui, onde a terra acaba e o mar começa!»

E a exprimir a eloquencia do seu collega Jayme Moniz:

«... deu longe um brado,
Como se dèsse em vão n'algum rochedo.»

sublinhava o *em vão*, com um risinho beatifico de typo, como a insinuar que fosse a sciencia a rocha contra que o illustre professor soara em falso.

Para o homem que lhe levava as cartas:

«... era um personagem negro e feio
Trombeta de seu pae e seu correio.»

Para o sr. Leandro José da Costa, que morava por cima:

«Uma nuvem que nos ares escurece
Sobre nossas cabeça apparece.»

e se adregava visitar o museu do Carmo, deante o chafariz cercado de symbolos augustos e de gallegos:

«... Vêde qua fresca fonte rega as flôres
Que lagrimas são agua e o nome amôres.»

e finalmente, para Manoel d'Arriaga, que elle forcara a desistir d'um concurso para a cadeira de historia, no curso superior de letras, perguntando-lhe quantos dentes tinha Epaminondas, e da côr do chinó da pythionisa de Lesbos:

«... Mas Nuno que nam quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senam por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa trastaganas.»

X

Julgareis que este velho, que se correspondia em latim com outros massadores da provincia e do estrangeiro, e durante a educação classica de seu filho Theopisto, no collegio de Campolide, lhe enviava regularmente um questionario em lingua morta, para obrigar o rapaz a exercitar-se, tivesse uma tal paixão como simples adorno litterario, como luxo de sala e d'academia, espanejando-se no tracto intimo, de toda e qualquer preocupação que de longe soubesse a alfarrabio.

Mas não! O conselheiro Vialle estava inteira, sincera e religiosamente convencido—como o dr. Thomaz de Carvalho, seu collega no conselho inferior d'instrução publica—de que Portugal retrogradava, pelo completo abandono dos estudos classicos. Não havia homens de sciencia, des'que o grego deixara de ser obrigatorio. Não havia homens d'arte, des'que nos preparatorios tinham sido abolidos os nove annos de latim. Portugal não dava estadistas por não saber traduzir a *Oração da Corôa*, de Demosthenes. A tradição oratoria de S. Bento degenerára, por ignorancia de Plutarcho, Cicero, e outros Latinos Coelhos e Manuéis d'Assumpção da antiguidade. E como queria ter colonias, exercito, marinha, patriotismo, quem não era capaz de ler os *Commentarios de Cesar* e o livro de Strabão na integra, e quem desconhecia Salaminus e a Retirada dos... dez mil?

Estas misérias publicas, choradas atravez da sua nevrose hellenica, o conselheiro Vialle as debitou muita vez, pulpito abaixo, no fim da aula, aos discipulos amados; e o sr. conde de Selir, hoje secretario d'embaixada, não sei onde, arguto moço! e que elle estimava particularmente, por uma identificação talvez de temperamentos, não raro era espargir com elle acerbo pranto, em cuja caudal nos outros cabulas, punhamos a navegar barquinhos de papel.

—Pois se a carne de vacca é quotidiana, nos repastos physicos do corpo, porque se não ha-de promulgar o estudo do latim quotidiano, provado como está de que elle seja, para que assim digamos, o cosido do espito?!

Nas sessões do conselho, os seus inuteis esforços em prol da regeneração mental com que sonhara, medcamente a *revalesciere* do alfa e do omega, e os gargarejos sem fim do *hora, horae*, acabrunhavam-lhe a vida, e faziam-no sahir de lá toni-troante.

O que o atormentava era não haver alli, a cada esquina, um ratosinho com quem cavaquear em latim puro, sob a toga romana, n'um quintal de laureiros e cepas mantuanas—inda que lá houvesse todos os domingos, baile campestre.

—Esta mesma agua de Caneças, gemia elle angustiado, dessedentando-se, ás horas da sésta: esta mesma agua me saberia melhor servida em amphoras da Etruria, por um escravo de sandalia, gallego que fosse, mas que em vez d'agua lhe desse o nome eufonico de liquor.

E n'esta illusão viveu oitenta e dois annos, o honrado velho! oitenta e dois annos de fé por uma idade extincta!... Oh sombra pallida! Qual d'entre nós outros, homens sem fé nem illusões por coisa alguma, pôde recusa- uma palavra d' affecto á tua encantadora creancice?!

THEATRO DA TRINDADE



Na sua festa artistica, Lucinda do Carmo quiz justificar o ephiteto de *gentil*, propriedade inamovivel do seu nome festejado, mostrando-se *Marquezinka* alegre e traquinas, muito mais preocupada em ter desenvoltura, do que em tomar a serio as pieguices fidalgas, inherentes ao titulo com que se apresentava.

O publico accceitou de bou sombra a gracioss demokratisação, e applaudiu-a, como de costume.

CELEBRIDADES



Roque Gameiro encetou a publicação d'uma serie de retratos, sob o titulo acima, que tem por fim vulgarisar no publico, essas physionomias sympathicas d'artistas e de pensadores, homens de discurso e homens de livro, que tenham dado ao paiz qualquer coisa de bello, desde uma pagina finamente escripta, até um projecto de lei finamente syndicateiro. Estão publicadas já duas folha da obra, contendo os retratos de Camillo Castello Branco e de Oliveira Marreca, em grande formato, sobre cartão polido, e d'uma perfeição a encher d'orgulho o artista que os firmou.

O Bezerro d'ouro



No salão da Trindade deu o sr. Guilherme de Santa Rita, Domingo ultimo, uma leitura publica da sua peça, *Bezerro d'ouro*, a qual foi assistida por grande numero de homens de letras e negociantes de cabedal, que insidiosamente esperavam que o *Bezerro* morresse pra se lhe atirarem á pelle, os descarados!

O sr. Santa Rita foi felicissimo na recita, e de toda a parte recebeu testemunhos inequivocos d'admiração e sympathia. Entre os brindes ofertados ao illustre dramaturgo do *Bezerro*, figura um de honra, de pasta, offerecido por uma commissão de marchantes e creadores de gado.

Era geral a lastima dos espectadores, quanto a não haver empresa theatral que se abalancasse a pôr em scena a peça do sr. Santa Rita. Mais consta que um grupo d'amadores dramaticos inaugurará com ella o theatro d'Evora, por occasião da visita de SS. M. M. áquella cidade. De feito, a representação do *Bezerro d'ouro* vac ter em Evora o melhor cabimento, porque além de decorrer n'um centro agricola, secha admiravelmente a exposição pecuaria que alli se projecta, por occasião da visita real.

GALERIA DO CRIME



*D'uma photographia
de F. DEBS*

Retrato do Varella, d'après uma photographia tirada no carcere. E' a cara do hespanhol, dubia e sinistra, que diz pouco, e raras vezes deixa presentir alguma coisa de bom.



M. Slavova Bordallo Porto

Retrato do Vaguinhas, o assassino do Verde-Gaio, desenhado do natural, na ultima audiencia dos tribunacs d'Almada.